

N.º 8.

AUGUSTO SOARES RAMALHO

N.º 490

OS SONHOS

ESTUDO DE PSYCHOPHYSIOLOGIA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

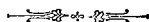
Apresentada e defendida perante a

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

SOB A PRESIDENCIA

DO EX.^m SNR.

MIGUEL ARTHUR DA COSTA SANTOS



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66—Rua da Fabrica—66

—
1881

30/8 E M C

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Director

CONSELHEIRO, MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

Secretario

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira — Physiologia . .	Antonio d'Azevedo Maia.
3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos, Materia medica	Dr. José Carlos Lopes.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna — Therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica .	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica	Ilidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia	Isidoro da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.	{ Dr. José Pereira Reis. João Xavier d'Oliveira Barros. José d'Andrade Gramacho.
Secção cirurgica	{ Antonio Bernardino d'Almeida. Luiz Pereira da Fonseca. Conselheiro Manoel M. da Costa Leite.
Pharmacia	Felix da Fonseca Moura.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica	{ Vicente Urbino de Freitas. Miguel Arthur da Costa Santos.
Secção cirurgica.	{ Augusto Henrique d'Almeida Brandão. Ricardo d'Almeida Jorge.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.	Candido Augusto Correia de Pinho.
---------------------------	-----------------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(REGULAMENTO DA ESCOLA, de 24 d'abril de 1840, art. 155.º)

À MEMORIA

DE

M E U P A E

A

MINHA MÃE

A

MINHA FAMILIA

A MEMORIA

DE

ANTONIO PINTO DE MAGALHÃES AGUIAR

AOS

MEUS AMIGOS

AO

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

MIGUEL ARTHUR DA COSTA SANTOS

A sciencia moderna comprehende no seu seio tantos mysterios insolueis que um passo, pequeno que seja, dado na direcção conveniente, representa sempre um progresso. E' verdade que muitas vezes o que se arvora em principio, vem os factos mostrar que era apenas uma simples hypothese. Mas isto não quer dizer que o passo dado em falso foi inutil.

E' da comparação de factos contrarios e oppositos que ha de saltar a verdade.

Quantas vezes não vem os factos dar um novo testemunho ás verdades adquiridas! Mas tambem quantas vezes não vem com a sua foice destruidora derrubar o que estava estabelecido e dar até uma nova orientação á sciencia!

Em psychologia as difficuldades sobem de ponto.

A metaphysica invadindo os espiritos mais esclarecidos, insinuando-se traçoeiramente e agarrando-se tenazmente ao ultimo reducto onde se refugiou e que defende a todo o transe, constituiria um quadro desolador, se no meio d'esta confusão não apparecessem alguns espiritos illustrados e generosos que despedaçaram completamente as carcomidas peias theologicas.

N'um assumpto em que os factos estavam tão confusamente amontoados, tentar estabelecer sobre elles uma explicação, era trabalho que daria muitas difficuldades na sua realisação.

Procurei sempre que me servisse de guia o dogma fundamental da sciencia moderna «nem materia sem força nem força sem materia».

Se o consegui ou não, o illustrado jury o dirá.

A elle recommendo este meu trabalho para o qual peço toda a benevolencia, bem fundada como é na difficuldade do assumpto e nas minguadas forças do auctor.

PRIMEIRA PARTE

I

IMPRESSÕES E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Os organismos inferiores que constituem o ultimo elo da cadeia animal são constituídos por uma massa de protoplasma homogenea, pelo menos aparentemente, onde se não nota o minimo gráo de differenciação que mais tarde ha de tornar o trabalho mais complexo e por isso mais perfeito, especializando-o por differentes órgãos com suas funcções proprias e distinctas. Para que haja uma integração correspondente de forma a constituir a individualidade na sua mais alta expressão, é preciso que estas differentes funcções estejam em comunicação reciproca, o que é realizado pelos nervos e centros respectivos. E' effectivamente o sistema nervoso que vem synthetisar a complexidade do trabalho em relação com a complexidade da organização. Uma cellula d'onde emanam dois tu-

bos nervosos constitue, se não a forma mais rudimentar do systema nervoso, pelo menos a sua unidade fundamental, base de toda a vida psychica, por maior que seja a sua complexidade. A um aggregado tão simples corresponderá igualmente simplicidade de funcção. Estimulo na extremidade terminal d'um dos tubos nervosos e sua propagação até á cellula — «funcção recipio-motriz», recepção, elaboração e reacção da cellula — «funcção libero-motriz», e finalmente propagação d'essa reacção pelo outro tubo nervoso — «funcção dirigo-motriz», eis o schema anatomo-physiologico da innervação. A sequencia d'uma simples contracção a uma simples irritação constitue o phenomeno mais simples do primeiro esboço do systema nervoso e marca por assim dizer a aurora da vida sensitiva. Esta unidade nervosa, sem desaparecer, perde a qualidade de simplicidade que tinha, para acompanhar as differentes divisões organicas nas suas successivas modificações.

A estas modificações internas correspondem outras externas, acompanhando-se na sua evolução e seguindo a mesma ordem do simples para o composto, do geral para o especial, do indistincto e indifferenciado para o distincto e differenciado. A principio, existe apenas um involucro tão homogeneo quanto o póde ser n'um meio heterogeneo, sensivel ás impressões externas, mas sem especialisação apparente. Depois, as impressões succedendo-se, a parte affectada tenderá a voltar ao estado anterior de equilibrio, mas fixar-se-ha uma parte da força e

ficará por tanto um vestigio e tal que, quanto mais repetidas forem as impressões, tanto mais aptidão haverá para serem recebidas e a reacção será igualmente mais prompta e mais energica. Estas repetições successivas, trazendo modificações correspondentes no involucro primitivo, determinam por evolução progressiva e lenta a formação dos órgãos dos sentidos. Em confirmação d'esta opinião vem o facto de Levy, apesar de cego, conhecer se está em face d'um objecto, qual o seu tamanho etc. Ha cegos que conhecem a côr pelo toque. A origem commum dos sentidos e a sua differenciação e especialisação ulterior constituem hoje um facto adquirido para a sciencia. Em todo o caso fica sempre a idéa fundamental que ha pouco apresentei: estimulo no filete nervoso terminal, sua propagação até ás cellulas e reacção correspondente.

De que natureza é o estimulo? Como se faz a sua propagação até ás cellulas?

O filete nervoso centriptó é um receptaculo de movimento, ou movimento de massa ou de moléculas ou ether, quer seja a parte organica que se approxime do corpo quer seja o corpo que se vá pôr em contacto com o órgão destinado á recepção da impressão. O movimento vai despertar a actividade latente da substancia do cylinder-axis; esta soffre uma transformação isomerica que transmittida augmentada ás differentes camadas que a constituem, vai finalmente terminar na cellula ¹. Este augmento

da quantidade de movimento não pôde ser posto em duvida; porque desde que ha desintegração molecular ou ha de haver absorpção ou desenvolvimento do movimento. Absorpção não se pôde dar; porque, se uma parte da força, que devia ser transmittida, fosse empregada no desarranjo molecular e não se lhe juntasse nenhuma nova força, o movimento inicial esgotar-se-hia e não poderia estender-se muito longe. Vem dar uma nova confirmação a experimentação mostrando que o effeito resultante da excitação d'um nervo é tanto mais consideravel quanto mais distante da extremidade terminal do nervo fôr applicada. Não é só atravez do tubo nervoso que se dá o augmento da força inicial, é tambem na cellula nervosa e ahi especialmente que a força desenvolvida a excede muito.

A cellula não é um simples conductor, tem a faculdade de desenvolver força (libero-motriz) que encerra no estado latente. Se não ha verdadeira criação de força, ha pelo menos transformação de latente ou potencial em effectiva, apparente, visivel, mas d'um effeito mais extenso.

E' em virtude d'este augmento de força que uma pequena excitação pôde produzir um enorme esforço muscular.

Nada nos impede de concluir que phenomenos identicos se passam nos centros nervosos superiores onde estas impressões são umas vezes «percebidas» e outras deixam de o ser — d'aqui a divisão da «sensibilidade» em «consciente» e «inconsciente».

Que é «sensibilidade»?

Uma resposta cathegorica a esta pergunta não póde ser dada actualmente. O que é o sensível? O que é o insensível? Como se fórma o sensível? A nossa ignorancia a este respeito é absoluta. O que tem de mais o sensível que o insensível? Não o podemos dizer; porque em lugar de juntar alguma coisa a este para formarmos aquelle, seguimos o processo inverso. Chegamos ao insensível por meio da abstracção. E' uma conclusão logica da nossa ignorancia em outros assumptos. E' igualmente ignoramos o que é a materia. E' por isto que, quando queremos seguir a força nas suas mais occultas manifestações e determinar os vestigios indeleveis da sua presença nas suas successivas transformações, nos encontramos sériamente embaraçados. Em todo o caso é mister que o façamos, servindo-nos sempre de guia os modernos processos scientificos, marchando sempre do simples para o composto para que nos não aconteça como ao philosopho de Bacon que estando a olhar para as estrellas cahiu na agua; o que lhe não succederia se olhasse para baixo onde as veria reflectir; mas como olhava para cima não podia ver a agua reflectir-se nas estrellas. Vamos observar os phenomenos e tanto quanto possível seguir de perto a sua explicação.

Este termo «sensibilidade» tem tido diversas interpretações, querendo uns que já se manifeste no mundo anorganico com o nome generico de «attracção», outros fazem-na começar com o apparecimen-

to da materia organizada (irritabilidade) e finalmente outros só a admittem quando começam a desenharse esses pequenos centros nervosos com os seus tubos de communicação. As duvidas que aqui se offerecem hão-de existir sempre, emquanto dividirmos o que de si é continuo. Bem sei que a sciencia não ganha em identificar verbalmente phenomenos que tenham apenas um pequeno numero de pontos de contacto e que uma das condições do progresso em sciencia é antes applicar a cada differença um termo cuja denominação seja bem definida. Mas nem por isso devemos concluir d'essa denominação distincta que a sua significação ha-de ser completamente differente. Como é que nós não estaremos em duvida se a sensibilidade pertencerá exclusivamente á materia organizada ou se tambem será propriedade da anorganica, não sabendo nós onde esta termina para começar aquella?

Nos animaes em que o systema nervoso é muito rudimentar, a sensibilidade tem unicamente por fim ser origem de movimentos e estes em geral destinados á nutrição do individuo (?) Como representante directo d'esta manifestação encontramos no organismo humano o sympathico com os seus numerosos ganglios dispostos de cada lado da columna vertebral e disseminados pelos differentes órgãos presidindo inconscientemente ás funcções da vida vegetativa. A impressão transmittida pelos nervos é reflectida nos ganglios. Isto não quer dizer que fiquem aqui sempre estas impressões. Logo veremos a influencia que estas sensações internas

teem na producção dos sonhos o que não podia ser explicado se não houvesse communicação com os centros superiores.

Como órgão que indica uma especialisação mais adiantada, temos a medulla espinhal, constituindo os «centros terciarios» ou d'acção suflexa e coordenando as funcções dos differentes centros organicos do sympathico ¹.

Os «centros secundarios» ou sensoriaes formados pela substancia cinzenta da base do cerebro, constituindo o «sensorium commune» ou os centros communs das sensações, indicam já uma maior complexidade.

Por ultimo os «centros primarios» ou de «ideação» constituídos pelas cellulas da substancia cinzenta dos hemispherios acham-se em communicação directa, e indirecta por meio dos centros secundarios, com os terciarios.

Os tres primeiros centros são como está provado por numerosas experiencias, capazes de per si sós darem lugar a movimentos variados; são o fóco de movimentos diversos cada vez mais complexos em relação com a differenciação crescente de cada um d'elles; mas esses movimentos, a não ser que as impressões sejam levadas para os centros superiores pelas fibras brancas que formam parte do centro oval (systema de irradiação), o «eu» não tem d'elles conhecimento, são executados sem a sua intervenção.

¹ Maudsley, Physiologie de l'esprit.

Os centros primeiros ou de ideação são os únicos capazes de formarem ideas; são constituídos como se sabe pela substancia cinzenta da crosta cerebral, composta de cellulas pyramidaes e fuziformes e tanto menos volumosas quanto mais perto da superficie livre se acham collocadas ¹. A complexidade d'esta parte ainda está em perfeita harmonia com a sua complexidade funcional. Os mysterios das operações intimas que se passam aqui são de tal forma cobertos de nebulosidades que teremos o maximo cuidado na exposição do mecanismo da sua producção.

O cerebro tem sido considerado sempre como órgão productor das mais elevadas funcções, e como á sua divisão anatomica em partes distinctas e dissemelhantes deveriam corresponder funcções igualmente distinctas, Gall e os phrenologistas foram até formar cartas topographicas, dividindo-o em regiões a cada uma das quaes distribuiram uma faculdade mental particular. Os progressos da anatomia, physiologia e pathologia destruíram este fragil edificio que teve ainda assim o merecimento de ser a primeira voz erguida a favor d'um dos assumptos mais palpitantes da actualidade e que será mais tarde fonte perenne de dados preciosissimos para o diagnostico e localisação correspondente das doenças mentaes.

As localizações motrizes são aquellas para que

¹ Luys, Le cerveau.

mais se tem dirigido a attenção porque são egualmente d'um estudo relativamente mais facil. Ha a este respeito já factos muito notaveis e vão-se accumulando outros todos os dias.

Em quanto ás percepções sensoriaes, tem sido o seu caminhar mais moroso e é tambem n'estas assim como nas outras que devemos a Ferriér os factos mais importantes.

Se os resultados das suas observações ainda não passam de hypotheses, marcam ao menos o caminho a seguir e fazem-nos prever que n'um futuro não muito remoto os órgãos dos sentidos terão o seu centro correspondente determinado. Segundo este habil experimentador o centro visual seria localisado na prega curva, o auditivo na temporo-esphenoidal, o do toque no lobulo do hyppocampo e o do olfacto e gosto no corno d'Ammon.

São, como se vê, localisados na parte posterior do cerebro; emquanto a anterior seria antes affecta á motilidade. De modo que um acto mental simples seria assim constituido: propagação da actividade ás cellulas posteriores dos hemispherios, sua transmissão pelas fibras do centro oval (systema d'associação) ás cellulas anteriores e sua transformação ahi em actos ou palavras.

De que natureza são as idéas? Como se formam?

Nos primeiros tempos da vida extra-uterina o systema nervoso central era virgem de impressões, constituindo os instinctos e aptidões as mais elevadas manifestações da sua actividade e formando, como quer Delboeuf, o «nucleo central». É em volta d'este nucleo que se hão de depositar todas as outras camadas, formadas a todos os momentos. O sensorio envia as sensações, que não são mais do que impressões transformadas e por conseguinte movimentos, atravez das fibras do centro oval para os centros de percepção correspondentes onde são transformadas em idéas.

Os centros d'ideação têm sido comparados a placas photographicas sensibilizadas sempre promptas a receber a impressão de qualquer natureza. Tanto n'aquelles como n'estas ha plena liberdade para estereotypar esta ou aquella idéa, uma imagem ou outra; mas desde que os movimentos tiveram logar e foram transmittidos, a liberdade acabou e a impressão de estranha que era, ficará fazendo parte integrante da placa. Não nos deixaremos embalar por analogias mais ou menos sedutoras; porque uma das que têm trazido mais confusão á psychologia é incontestavelmente o comparar as idéas a imagens. Haller com a auctoridade do seu nome foi o que aggravou este mal com a grosseira opinião de que as idéas eram «signaes» traçados no cerebro.

Os focos d'onde derivam os elementos das idéas são os sentidos. Cada um d'elles nos dá a sua noção distincta sobre o objecto; assim um corpo ser-

nos-ha revelado pela sua côr, gosto, cheiro, consistencia e fórma, e do resultado da combinação d'estas differentes sensações é que o objecto é percebido por nós e que pelo facto mesmo da unidade de tempo e logar em que são produzidas, se fundem umas nas outras. Cada uma d'estas sensações especiaes teria talvez a sua cellula representante no centro de ideação, ligada á dos outros sentidos, formando um circuito; o que explicaria como é que uma sensação isolada faria vibrar as outras prolongando-se pelo circuito. Assim considerada, a idéa não é mais que a abstracção de muitas sensações e o processo de ideação um processo de differenciação e de integração progressivas, de separação do dissemilhante e assimilação do semilhante.

Ao lado d'estas idéas que os sentidos nos fornecem ha outras em que a sua acção se não faz sentir tam directamente e tanto que ainda ha quem as queira considerar como formadas fóra da sua influencia. A idéa que formamos d'um corpo é uma idéa simples, concreta; mas se da idéa que formamos de cada homem, por exemplo, em particular, nos elevarmos até á idéa do homem em geral, é uma idéa «geral» que formamos; e se ainda nos elevarmos até ás suas qualidades naturaes como virtude, vicio etc., é d'uma abstracção que se tracta.

Estas idéas que são o apanagio do homem e do homem civilisado, parecem ter a sua séde nas cellulas menos volumosas que occupam a parte superior dos hemispherios. Se ha quem queira admittir que os animaes mais superiormente collocados podem ter ain-

da que rudimentarmente idéas geraes, como a noção do homem por exemplo, o que eu de boamente concedo, já o mesmo não pôde acontecer com as abstractas. Estas precisam para a sua producção d'uma maior complexidade de estrutura nervosa que se não dá n'esses animaes nem mesmo em certos povos cujo gráo de cultura intellectual é muito limitado. N'estes não só os termos da sua linguagem são muito reduzidos, e é assim que Lichtenstein refere que os Bushmans não são capazes de contar além de 2 e outros ha que o não fazem além de 5; mas até os termos geraes e abstractos faltam, de modo que Elliot, querendo traduzir a Biblia para uma das linguas mais ricas da America do Norte, não pôde encontrar termo que correspondesse a «amar».

A falta na linguagem de termos cujas idéas não estejam ligadas a alguma realidade objectiva está intimamente relacionada com o pequeno desenvolvimento das suas circumvoluções cerebraes, dando por ultimo este estado tam atrazado na ideação.

Consideradas assim estas idéas como mediatamente formadas á custa das sensações, afastamo'-nos completamente d'aquelles que fazem d'ellas umas entidades metaphysicas, tendo atravessado todas as gerações sempre com a mesma significação, não modificada pelo progredir incessante da humanidade, verdadeiras idéas «innatas» que o Creador inoculou na alma humana e que farão eternamente parte d'ella.

A universalidade do seu sentido é devida, não

a serem «innatas», mas a que sendo implicitamente contidas ou subentendidas em toda a experiencia, acabam por se fixar por assim dizer inconscientemente. Demais está a vêr-se que ellas variam acompanhando a humanidade nos seus progressos; e é assim que a idéa de «justiça» que n'outros tempos era applicada a certos actos considerados justos, hoje deixou de o ser e é applicada a outros actos que não eram considerados como taes. Mesmo actualmente não têm um sentido tão universal como dizem. Variam com o gráo de cultura intellectual e moral. A idéa de «justiça» não é a mesma no homem civilisado que n'aquelles que ainda não foram allumiados pelos esplendidos fulgores das modernas conquistas da civilisação.

Se quizermos entender antes que o cerebro da creança se acha orientado de modo a manifestar as mesmas aptidões dos paes, creio que ninguem o porá em duvida. São effectivamente as aptidões e os instinctos que como os caracteres physicos se transmittem por herança.

Na formação dos instinctos o habito tem uma influencia poderosa e é assim que actos actualmente intelligentes hão de ser mais tarde instinctivos. O habito é portanto o primeiro passo para os instinctos. E' o instincto do futuro.

II

FIXAÇÃO DAS IMPRESSÕES E REVIVISCENCIA CORRESPONDENTE

A indestructibilidade da força representa uma das aquisições mais fecundas da sciencia moderna. Os esplendidos clarões que d'aqui dimanam têm illuminado muita escuridão, desvendado muito segredo e pulverizado muito erro. Mas é justo que marquemos limites ao nosso enthusiasmo e não vamos além do que nos manda a sua rigorosa interpretação.

Incidencia de força e mudança visivel correspondente seria a realisação plena d'este principio. Mas isto é um facto irrealisavel na practica. Para que a correspondencia fosse perfeita era preciso que o corpo affectado fosse perfeitamente elastico, o que não é possivel.

Uma parte da força gasta-se em imprimir ao

*

corpo modificações que, pelo menos apparentemente, não podemos observar. A fixação d'essa força, produzindo uma certa mudança no estado molecular do corpo é um facto.

O organismo humano está constantemente a soffrer desarranjos no seu equilibrio, a receber impressões, equilibrio que depois d'umas certas oscillações é substituido por um outro. O meio que o cerca, estando continuamente a soffrer mudanças, estará também a sollicitar-o para um novo estado. Se a nova impressão fôr da natureza da primeira, o seu resultado final scrá tanto mais consideravel quantas mais vezes essa força tiver sido applicada. A repetição que aqui é extremamente favoravel, é em outras circumstancias extremamente prejudicial: quando as moleculas achando-se orientadas n'um certo sentido, vem uma nova força orientar-as n'outro differente do primeiro. N'este caso além da força que é empregada em produzir o effeito util, ha uma parte que por assim dizer se perde em inutilisar a primeira e cujo effeito não é por isso apreciado.

A influencia dos habitos é n'estes casos manifesta. Ha individuos que não se impressionam por maior que seja a impressão que os affecte. Esta resistencia ás forças incidentes póde muito bem ser apreciada no reino anorganico onde se encontram corpos que resistem ás mais altas temperaturas sem mudarem de estado.

A fixação é como se vê um facto que é ainda mais notavelmente representado na reproducção.

*

Ahi um ovulo fecundado dá logar a um individuo que reproduz os caracteres da especie e um grande numero dos individuaes tanto physicos como intellectuaes e moraes.

Além da intensidade e duração da impressão ha um outro factor que exerce uma influencia notavel sobre a producção dos effeitos d'essa impressão: é a idade em que tem logar a incidencia. E' um facto d'observação vulgar que facilmente nos recordamos das mais insignificantes particularidades dos acontecimentos da nossa infancia.

A fixação faz-se mais facilmente, porque, como já disse, as cellulas cerebraes estando virgens de toda a impressão anterior, orientam-se mais facilmente n'este sentido e como o desenvolvimento cerebral se vai fazendo por addição de novas cellulas formadas á custa das antigas, essas trazem por assim dizer impresso o cunho das cellulas-mães d'onde derivam ¹,

E' assim que nós vemos homens velhos narrarem com precisão admiravel e com todas as particularidades factos que se deram nos primeiros tempos da sua vida e deixarem no esquecimento outros que tiveram logar muito mais proximamente.

¹ Luys — O. c.

Temos seguido a impressão recebida pelo nervo e levada até aos centros, acompanhamol-a nas suas successivas transformações, traduzindo-se umas vezes externamente por movimentos e outras fixando-se e constituindo idéas, vimos que a materia organizada assim como a inerte tinham a propriedade de fixar a força e que especialmente os elementos nervosos ficavam n'um estado de erethismo tal, quando as primeiras impressões os fizeram vibrar, que durante muito tempo ainda podiam manifestar a sua actividade de ha muito despertada.

Agora vamos vêr como é que essas impressões podem reviver, tornar-se presentes depois de decorrido um certo tempo e como é que uma simples sensação pôde fazer com que se apresentem á consciencia idéas mais ou menos relacionadas com aquellas, constituindo assim uma das manifestações mais importantes da actividade cerebral — a «associação d'idéas».

Ninguém desconhece esses actos automaticos da medulla e a que já me referi, dos quaes o mais simples é um phenomeno reflexo. Estas manifestações nervosas cada vez que se dão produzem uma desintegração e reintegração que fazem com que a materia se ache de fórma tal que o movimento correspondente se execute com mais facilidade e que a modalidade funcional que teve logar se incorpore por assim dizer na propria substancia nervosa, resultando d'aqui portanto uma tendencia e aptidão, renovando-se a impressão, para repetir o acto uma vez practicado e tanto mais facilmente quanto

maior fôr o numero de vezes que tenha sido executado. Nos movimentos complexos a sua execução é mais difficil e é só depois de tentativas a principio infructuosas, que chegamos a associar esses movimentos cuja execução simultanea se vai tornando cada vez mais facil até que mais tarde são feitos sem esforço e consciencia.

A educação e a experiencia têm como se acaba de ver uma grande influencia na sua producção, mas não toda; porque a herança tambem entra e em grande parte; pois se na marcha, por exemplo, as primeiras entram como factores mais importantes, a segunda excede-as em importancia n'outros actos, como chorar, respirar, tossir, etc.

Esta faculdade automatica da medulla a que não chamaremos «memoria» para não melindrarmos os psychologistas, é d'uma importancia capital nos nossos habitos ordinarios e representa até certo ponto o que se dá nos centros de ideação. E' apenas uma questão de substituição dos movimentos pelas idéas.

A apresentação ao espirito das idéas póde fazer-se ou espontaneamente ou empregando um certo esforço, isto é, voluntariamente; d'aqui a divisão da memoria em «activa» e «passiva». Estas duas fórmas apresentam-se com grãos variados nos differentes individuos, podendo uns repetir datas numerosas, trechos inteiros apenas lidos uma vez e outros ha que o não podem fazer com a mesma facilidade. Ainda assim a «attenção» com que

o objecto foi observado entra por muito tempo n'esta differença.

A divisão da memoria em «activa» e «passiva» não é tão radical como parece e observando as coisas de perto quasi que podemos affirmar que tal distincção não existe.

Quando nós fazemos esforços para nos recordarmos d'alguma coisa e essa coisa se nos apresenta ao espirito é por assim dizer inconsciente e espontaneamente; pois é evidente que se nós tivéssemos consciencia d'ella não teriamos necessidade de a reproduzir; porque já seria presente ao espirito. Mas como toda a medalha tem o seu reverso, isto que nos parece logico tem contra si um raciocinio egualmente logico e é que o querer uma coisa sem ter consciencia d'ella parece um contra-senso. Um exemplo trará a conciliação a esta contradicção apparente.

Quando nós sabemos que ha um termo que exprime melhor uma certa idéa e elle se nos não apresenta immediatamente ao espirito, tractamos de applicar a nossa attenção a certas palavras que a experiencia nos mostrou terem relações com a palavra esquecida.

O principal papel é representado pela memoria «passiva»; porque ainda que nós com a «activa» apontemos ao espirito o caminho que deve seguir pondo em actividade as idéas associadas, vemos depois a associação fazer-se espontaneamente.

As leis da associação de idéas têm sido classificadas em numero variavel. Assim o snr. dr. Costa

e Almeida admitte quatro grupos principaes cujos fundamentos são :

a) relação das coisas ; b) relação das palavras ;
c) relações metaphysicas ; d) relação do habito.

a) As relações das coisas são principalmente :
1.º relação de semilhanças ; 2.º relação de opposição ou contraste ; 3.º relação de tempo ; 4.º relação de logar ; 5.º relação de causa e effeito ; 6.º meio e fim, principio e consequencias, substancia e qualidades, todo e partes.

b) Nas relações das palavras estão comprehendidas as que se approximam pelo som, pela composição, pela etymologia, etc.

c) N'este grupo estão comprehendidas as associações que se fazem por meio de symbolos que representam certas idéas.

d) N'estas finalmente encontra-se as do habito ¹.

Delboeuf admitte quatro :

a) a lei da «simultaneidade» em virtude da qual são ligadas impressões que foram recebidas ao mesmo tempo ;

b) a da «successão» em virtude da qual são ligadas impressões que formam uma serie e fazem parte do mesmo acontecimento ;

c) a da «semilhança» em que o semelhante recorda o semelhante ;

d) a do contraste que associa os extremos ².

¹ «Curso elementar de philosophia».

² «Le sommeil et les rêves».

Para Stuart Mill ¹ e A. Bain ² as leis são reduzidas a duas: a da «semilhança» e a da «contiguidade». Victor Brochard, reduz-as todas a uma — a da «contiguidade» ³.

Os quatro grupos admittidos pelo snr. dr. Costa e Almeida com as suas divisões respectivas podem incontestavelmente ser reduzidos aos quatro mais simples de Delboeuf e não me cançarei a fazer essa distribuição e redução; porque é de tal modo simples que facilmente se comprehende como deveriam ser feitas. Estas mesmas quatro podem perfeitamente ser reduzidas ás duas de Stuart Mill, pertencendo as *a*) e *b*) á da «contiguidade» e as *c*) e *d*) á da «semilhança».

A mesma facilidade na redução não a encontramos se quizermos admittir com V. Brochard, apenas a de «contiguidade».

Este auctor defende a meu vêr triumphantemente a sua opinião a qual vou expôr resumidamente: «E' bastante difficil comprehender o que seria a semilhança d'uma idéa presente ao espirito com uma outra que, por hypothese, não é actualmente conhecida; pois que é a associação que se tracta de explicar.

Não póde haver semilhança, não havendo pelo menos dois termos; ora não poderíamos suppor

¹ «Philos. de Hamilton».

² «The senses and the intellect».

³ «De la loi de la similarité dans les associations d'idées».

dois termos comparaveis entre si senão commettendo um circulo vicioso.

A semilhança não póde ser conhecida do espirito que associa as idéas; se a conhece, as idéas são já associadas; se não a conhece, não é em razão da semilhança que fará a associação». Estas objecções á lei da «semilhança» não podem ser refutadas; mas para que se não façam as mesmas á de «contiguidade» diz mais abaixo: «Mas pelo menos as associações por contiguidade, se são racionalmente inexplicaveis, apresentam esta differença que são uma applicação particular d'uma lei mais geral — a lei do habito.

O espirito com effeito limita-se a practicar os mesmos actos que já practicou, sem os modificar e sem lhes juntar nada.»

Em ultima analyse todas as associações que nos parecem por semilhança, são por contiguidade, podendo por tanto aquellas ser reduzidas a estas. Assim o papel branco que nos faz pensar na neve é uma associação por contiguidade.

Quando vemos o papel branco, entre as diversas sensações, ha a do branco e se esta é bastante intensa, é sufficiente para despertar todas as outras que se apresentaram em identicas circumstancias como quando vimos a neve. De modo que as que acompanharam a neve apresentam-se misturando-se por assim dizer umas com as outras e confundindo-se, tendo nós de fazer um certo esforço para repellir as intrusas e aproveitar as que nos convém, podendo então notar as que são semelhantes e as que

o não são, havendo um trabalho de associação e dissociação. Mas como se vê as idéas são já associadas quando notamos que ellas são semelhantes, de modo que a semilhança é a consequencia e não a causa da associação. Ha aqui portanto dois actos distinctos, mas que o habito e a rapidez com que se passam, nos fazem apenas observar o resultado da operação sem attendermos ao meio.

Sendo dada uma sensação, apparecem idéas que acompanham uma sensação anterior, tendo entre si relações de semilhança e de contraste. O espirito separa-as e associa-as, formando milhares de combinações, umas vezes extravagantes e outras com um fim util e determinado. Não tem outra origem a «imaginação», não havendo por tanto «imaginação creadora» no sentido proprio da palavra. «E' creadora na sua obra mas não nos elementos que a formam» ¹.

A arte e a litteratura devem á imaginação as suas mais bellas producções.

O gigante Adamastor, as tragicas figuras de Miguel Angelo e as figuras tranquillas de Raphael não são mais do que personificações n'uma fórma ideal do resultado das suas observações, representando abstracções formadas á custa d'um trabalho mental.

O apparecimento d'uma idéa revivida por outra é um facto que está tanto em harmonia

¹ Snr. dr. Costa e Almeida. O. c.

com os conhecimentos que temos da textura dos centros nervosos que em lugar de darmos a sua explicação á luz da physiologia, antes nos deveríamos admirar que tal não se desse.

A existencia de cellulas apolares foi apenas uma creação dos histologistas.

As fibras do centro oval, os prolongamentos que unem as differentes cellulas entre si explicam perfeitamente a propagação da corrente nervosa d'uma cellula a outra; mas esta propagação não se faz d'um modo arbitrario, mas dirigida por differentes causas entre as quaes occupam lugar importante a herança, o temperamento, a educação e o meio.

E' assim que certos factos que nos parecem isolados e desordenados, se fizéssemos um estudo mais profundo, apparecer-nos-iam como tendo perfeitamente a sua explicação nas causas apontadas.

Como nos movimentos que quantas mais vezes são executados tanto mais facéis e mais perfeitos se tornam, passando de voluntarios e conscientes a automaticos e inconscientes, assim se dá o mesmo com as idéas.

D'aqui a influencia do «habito» na sua produção.

Quando uma impressão fere pela primeira vez o organismo, este sente-se impressionado agradavelmente ou desagradavelmente e d'aqui as reacções correspondentes a estes dois estados.

Depois, se as impressões se repetirem, o organismo resiste menos, deixa de lhes prestar atten-

ção, a sensibilidade embota-se e o acto passa despercebido. De modo que a associação de idéas só constitue habito quando se faz com extrema facilidade.

A' força de praticar um acto muita vez, consideramol-o como fazendo parte integrante de nós mesmos.

Para nos tornarmos conscientes d'um acto é preciso que haja mudança d'estado ou d'impressão.

A alegria é relativa a um estado anterior de tristeza; o que é leve, não o é senão relativamente ao que é pesado.

E' por isto que a descripção que nos faz Milton, seguindo a Biblia, no «Paradise lost», dos gozos que Adão e Eva experimentaram n'essa mansão de delicias ou Paraíso, é uma falsidade — o prazer não podia ser conhecido dos homens senão depois de condemnados e expulsos por Deus.

III

O SOMNO

As impressões recebidas pelos nervos e transmittidas aos centros nervosos produzem n'essa substancia uma alteração tanto mais consideravel quanto mais frequentemente tiver logar a sua manifestação.

Ha um desenvolvimento de força e será por isso preciso um certo tempo para reparar as perdas soffridas e ficar apta para novos movimentos.

E' um facto de quotidiana observação que um frio intenso, actuando sobre qualquer parte do corpo, produz a principio anemia d'essa parte a que succede a congestão.

E' o cansaço dos vaso-motores, seguindo-se á excitação a paralyisia.

A fadiga muscular depois de movimentos pro-

longados é outro exemplo. Mas aqui o seu mecanismo é mais complexo. A nutrição faz-se e com mais intensidade, mas apesar d'isso o cansaço sobrevem.

No repouso podem a digestão, a circulação, a respiração e como seu termo ultimo a nutrição fazer-se com menos energia e nem por isso deixará de haver reparação; pois que as perdas são relativamente menores.

E' durante o somno que se reparam as perdas da vigilia.

Qual é o mecanismo da sua produção?

As theorias expendidas por maior numero de physiologistas são as que se referem á circulação cerebral.

Uns fundando-se em factos querem que haja anemia, outros apresentando igualmente factos de observação e experiencia acreditam antes n'uma congestão.

Se quizessemos resolver questões d'esta natureza «á priori» diríamos que deve haver anemia; pois se no somno ha uma menor actividade no functionalismo dos elementos, é sua consequencia logica a anemia. Ao periodo de actividade corresponderá antes a congestão.

Nas sciencias naturaes e especialmente em physiologia os factos são os que hão de decidir de que lado está a verdade.

Mas, coisa notavel! difficilmente se encontrará outra questão em que os mesmos factos d'observação sirvam a defeza de duas theorias tão oppostas.

A posição horisontal que para os partidarios da anemia favorece o somno em virtude da compressão das carotidas pelos musculos do pescoço, é para os que admittem um estado congestivo uma prova em seu favor; porque traz uma melhor distribuição do sangue, o que não pôde effectuar-se na estação vertical.

A influencia do trabalho de digestão na produção do somno é para os primeiros de grande valor, porque, augmentando a massa geral do sangue, pela absorpção das substancias alimentares, ha de produzir um effeito identico na circulação cerebral; para os segundos é antes a confirmação da anemia pela derivação que se produz para o tubo digestivo.

Os raios calorificos actuando sobre o corpo pre-dispõem ao somno; porque effectuam uma dilatação dos vasos da periphéria, anemiando o cerebro, diz Durham; é antes produzido por um mecanismo contrario, havendo a congestão do cerebro pelo calor, diz Niedorfler.

Estas contradicções são o resultado do pessimo systema de quererem subjeitar os factos á theoria e não esta áquelles.

Além d'estes factos muitos outros ha em favor d'uma e outra hypothese. Esta confusão parece-me vir appoiar a opinião que tenho de que nem a theoria da anemia nem a da congestão são verdadeiras; ainda que tanto uns como outros tenham razão em affirmar que se dá uma e outra durante o somno.

Bastavam estes factos tão contradictorios para provar que é preciso procurar n'outra parte que não no estado da circulação cerebral as causas do somno.

E' por isso que muitos auctores vendo a pouca solidez das theorias apontadas foram procurar fóra do estado anemico ou congestivo do encephalo a explicação do somno.

A theoria do «cansaço» é defendida por Poincaré e Preyer e ultimamente n'uma dissertação de concurso apresentada á Escola Medico-Cirurgica de Lisboa ¹.

Poincaré apesar dos seus bons desejos de se livrar das peias theologicas, dá n'um ou n'outro ponto a conhecer a educação metaphysica que recebeu.

No capitulo em que tracta do somno diz : «Creio que em todas estas experiencias e discussões, têm-se occupado muito exclusivamente em determinar o estado da circulação cerebral durante o somno e que perderam de vista «o fim do phenomeno» assim como a natureza das suas verdadeiras causas ¹».

Querer dar a explicação do phenomeno pelo «fim» parece-me pouco em harmonia com a verdadeira educação scientifica.

¹ Snr. Bettencourt Rapozo — «Somno — traços geraes da sua physiologia».

² Poincaré — *Le système nerveux central*.

Os phenomenos explicam-se não pelos fins mas pelas causas que os determinam.

Depois compara o cerebro a uma machina industrial que, produzindo um certo trabalho, gasta-se, precisando portanto d'um certo tempo para se reparar das perdas que soffreu e para que possa continuar a funcionar.

E' de opinião que deve haver congestão; mas tambem pôde dar-se a anemia; porque a «única condição indispensavel é a inercia funcional do systema nervoso».

Na theoria de Preyer o cansaço é devido como na fadiga muscular á producção de substancias «protogenicas» que se vão accumulando durante a vigilia ¹.

Entre estas substancias occupa logar importante o acido lactico.

Para que sejam eliminadas é preciso que haja oxydção e por isso uma parte do oxygenio que devia ser empregado em estimular as cellulas nervosas, soffre um desvio, empregando-se na oxydção d'essas substancias.

Logo que sejam eliminadas, o oxygenio tem de novo a sua applicação primitiva e d'aqui o despertar.

Esta theoria é altamente seductora, porque approxima phenomenos que até aqui eram conside-

¹ Preyer — «Les causes du sommeil», Revue scientifique — 1877.

rados como distinctos — o cansaço cerebral e a fadiga muscular. N'esta ha a producção de acido lactico ou sarcolactico e n'aquelle a producção de substancias «protogenicas» entre as quaes o acido lactico figura em primeiro logar.

Os factos em que este auctor baseia as suas opiniões, são como elle mesmo confessa, pouco numerosos, muito duvidosos para sobre elles assentar uma theoria definitiva.

Será quando muito uma hypothese.

A analogia da fadiga muscular e do cansaço cerebral embora represente um progresso não resolve de modo nenhum a questão; fal-a recuar apenas.

Não está ainda definitivamente estabelecido que a fadiga muscular seja devida, ao menos exclusivamente, á presença d'um dos acidos a que me referi.

No cansaço cerebral as difficuldades tornam-se mais apparentes porque as experiencias directas são de muito pouco valor.

Não quero negar que o facto se não dê; o que affirmo é que os factos de observação ainda não bastam para que attribuamos á presença das substancias «protogenicas» o somno.

O proprio auctor não tem confiança bastante na sua theoria e espera que experiencias ulteriores a venham confirmar. Será portanto conveniente que esperemos tambem.

De que dependerá finalmente o somno? Estará dependente da circulação cerebral? Será devido á falta d'oxygenio nos vasos que circulam no cere-

bro, ou a que os productos de desassimilação o absorvem ¹?

Será antes á oxydação da propria substancia dos elementos nervosos?

As theorias que acabei de apontar peccam segundo a minha opinião por muito exclusivas. Se exceptuarmos as metaphysicas da escola de Montpellier que fazem consistir o somno n'uma modificação especial do principio vital, todas as outras se fundam em factos d'observação. Mas partem em geral d'um facto isolado e tractam de amoldar todos os outros ás suas idéas preconcebidas; quando seria mais racional seguir um caminho inverso — observar o maximo numero de factos e sobre elles elevar-se até á theorisação correspondente.

As causas que influem na producção do somno são demasiado complexas para que devamos attribui-lo a esta ou áquella exclusivamente.

As circulação cerebral em que se baseiam as duas theorias da anemia e congestão não póde ser causa immediata do somno.

Ha de certo anemia; porque todo o orgão que não funciona está n'um estado d'anemia relativa e com a actividade funccional coincide a congestão como provam as experiencias de Claude Bernard. Mas que se dê a congestão, nem por isso deixará de ha-

¹ Incluimos aqui a theoria que attribue o somno á falta d'oxygenio que se combina com o carbone, dando origem á producção d'acido carbonico e a de Obersteiner que é a de Preyer com menos desenvolvimento.

ver somno. Na occasião da producção dos sonhos e especialmente d'aquelles em que os centros nervosos tomam uma parte muito activa, deve dar-se antes a congestão.

Se nos casos ordinarios a anemia acompanha o somno, a congestão não vem de modo nenhum trazer o despertar.

A accumulacão de oxygenio durante o somno e esgotamento correspondente durante a vigilia que constitue os fundamentos da theoria de Pflüger é um facto que não pôde ser contestado.

A este esgotamento de oxygenio corresponde um outro que é o da força nervosa, constituindo a principal razão do cansaço.

Este cansaço dá-se tanto nas ramificações nervosas como nos centros respectivos.

E' o mesmo que dissemos no principio d'este capitulo.

Impressões de toda a natureza estão a todos os momentos a estimular o systema nervoso e a reparação não se faz correspondentemente. Se esta é a principal razão do estado de somno, as outras — a anemia, a presença dos productos de assimilação (protogemicas?) e a falta d'oxygenio são egualmente condições importantes na producção d'este phenomeno.

Considerado assim o somno, affasto-me de todas as theorias adoptadas, julgando-as insufficientes; e sem pretensões a apresentar uma nova inclino-me a que têm sido muito exclusivistas na explicação d'um phenomeno que é de per si muito complexo.

SEGUNDA PARTE

I

MECANISMO DA PRODUÇÃO DOS SONHOS

Temos acompanhado as impressões nas suas diversas transformações até á sua fixação ultima ou manifestação exterior sob a fórma de movimentos. Fizemos igualmente notar que havia uma desintegração e reintegração da substancia e que por isso esta ficava menos apta a reagir contra as impressões e que vinha um tempo em que o cansaço apparecia e d'ahi o repouso natural em que o organismo, apesar de ser sollicitado pelas forças exteriores deixava de as «actualisar» e era este estado que correspondia ao somno — em que não só os sentidos fecham a porta de communicação entre o mundo exterior e o sensorio ; mas tambem os centros não se acham em estado de reagir contra as impressões correspondentes nem mesmo reviver

as n'elles accumuladas. Mas n'esse sempre assim é. Muitas vezes sem ser o somno interrompido, é entrecortado por diferentes manifestações psychicas que embora tenham uma relação mais ou menos estreita com as da vigilia, distinguem-se d'ella em geral pela sua associação mais ou menos extravagante, pelo descorado das imagens e pela pouca impressão que deixam apagando-se depressa os seus vestígios.

Este despertar parcial dos centros nervosos quando tudo o mais «dorme» constitue uma serie de phenomenos que têm sido designados pelo nome de «sonhos».

Como são produzidos? Que modificações sofrem as faculdades do espirito?

São questões importantes que vamos tentar resolver em harmonia com as nossas minguadas forças.

As impressões externas e internas podem em certos casos quando são muito intensas dar origem á producção dos sonhos.

O primeiro grupo que a meu ver tem uma grande importancia em «onirogenia» tem sido bastante despresado pelos differentes auctores.

No segundo estão comprehendidas umas manifestações especiaes conhecidas pela denominação de «pesadello». Têm a sua origem na perturbação das

visceras, ainda que muitas vezes o incommodo visceral é antes o effeito do sonho do que a causa ¹. Se muitas vezes as lesões cardiacas e dos grossos vasos, o máo estado das vias digestivas e muitas outras lesões podem dar logar a manifestações d'esta ordem, tambem n'um grande numero de casos influencias puramente moraes actuam sobre o cerebro e este sobre as visceras e d'aqui a sua perturbação funcional.

Ha casos n'este genero muito numerosos e eu mesmo ha muitos annos fui objecto d'um pesadello de que durante muito tempo me não podia lembrar sem um certo terror. Transformações extravagantes, luctas de todas as especies como as de Jacob com o anjo, perigo imminente e impotencia para o evitar, quedas, feridas, etc. tudo isto constitue o objecto do pesadello.

E' difficil senão impossivel estabelecer uma distincção entre pesadello e sonho propriamente dicto. Nem a causa productora d'um e d'outro nem mesmo o resultado final justificam tal distincção.

O máo estado das visceras e o decubito lateral esquerdo na grande maioria dos individuos e em alguns o direito, ou por uma lesão hepatica ou por habito, sendo como já disse a origem dos pesadellos, tambem em certos casos podem ser causa productora de sonhos.

¹ Dictionnaire éncyclopedique des sciences médicales — Art. «cauchemar.»

E' assim que as impressões moraes e lesões das visceras podem dar logar a associações cujo character seja de tal fôrma pervertido que dêem logar a sensações agradaveis ¹.

As manifestações psychicas que se produzem durante o somno podem ser desagradaveis e tomar um character extremamente penoso, mas tambem podem dar logar a sensações agradaveis, havendo entre umas e outras algumas que não pertencem a nenhuma d'estas, que estabelecem a transicção e que nós hesitariamos em classificar como pertencentes ao pesadello ou ao sonho.

Para demonstrar a importancia que os órgãos dos sentidos têm em onirogenia referir-me-hei ás experiencias de Maury especialmente ².

Os sonhos assim produzidos são chamados por M. Macario «sensoriaes extracranianos».

A picadella d'uma pulga faz com que Descartes sonhe que tinha sido ferido com uma espada. Dugald Stewart refere que um individuo que tinha adormecido com uma bola d'agua quente nos pés, sonhou que estava viajando no Etna e um padre que o estrangulava, em virtude d'uma posição má do pescoço.

¹ O sabio Corona, depois de velho e gottoso e longe da patria, tinha sonhos cujo assumpto era quasi sempre os logares encantadores e as recordações mais agradaveis do tempo da sua mocidade que passou na Italia.

² Alfred Maury — «Le sommeil et les rêves».

Resumirei as experiencias de Maury que são interessantes. Mandou que as executassem quando o julgassem adormecido. São entre outras que não deram resultado as seguintes:

1.^a Tocando-lhe successivamente os labios e a extremidade do nariz, sonhou que o submettiam a um horriavel supplicio, que lhe applicavam ao rosto uma mascara de pez e que lh'a tinham em seguida arrancado bruscamente, lacerando-lhe a pelle dos labios, do nariz e do rosto.

2.^a A alguma distancia do ouvido produziram attrictos com uma tezoura d'aço sobre uma pinça, e o sonho consistiu em ouvir o som de sinos, que depois se amiudava, tocando a rebate, julgando estar nos dias de julho de 1848.

3.^a Fizeram-lhe inspirar agua de Colonia e sonha que está n'um estabelecimento de perfumista — idêa que lhe despertou a de Oriente e imaginou-se no Cairo; depois... aventuras extravagantes cuja ligação lhe escapa.

4.^a Accenderam uma vela. Sonha que está no mar (o vento soprava nas janellas) e que o paiol da polvora foi pelos ares.

5.^a Pinçam-lhe a nuca. É um vesicatorio que lhe applicam; o que faz com que se recorde d'um medico que o tractou na sua infancia.

6.^a Aproximam-lhe do rosto um ferro quente, mas sufficientemente afastado para que envie apenas um leve calor. Sonha com ladrões (chauffeurs) que se introduziam nas casas e obrigavam quem encontravam a declarar onde tinham o di-

nheiro, approximando-lhe os pés d'um brazeiro. Depois sonha que a duquesa d'Abrantes o tinha tomado para secretario, porque tinha lido nas «memorias» d'ella alguma coisa a respeito d'esta especie de ladrões.

7.^a Pronunciam muitas vezes perto do ouvido as palavras «chandelle,» «haridelle» e despertou de repente dizendo: é «elle», mas não sabendo a que devia referir esta resposta.

8.^a Derramam-lhe uma gotta d'agua na fronte e imagina que está na Italia, que tem muito calor e que bebe vinho d'Orviette.

9.^a Passam-lhe muitas vezes diante dos olhos uma luz cercada d'um papel vermelho e sonha trovoadas, relampagos etc., o que lhe faz recordar uma violenta tempestade que o tinha assaltado na Mancha, indo de Morlaix para o Havre.

A importancia dos órgãos dos sentidos na producção dos sonhos julgo ficar demonstrada pelas experiencias que acabo de descrever, não merecendo por tanto o desprezo que se lhe tem ligado.

As impressões internas e as externas são, como se acaba de ver, duas origens importantes dos sonhos; mas não são as unicas; e fóra d'estas ha outras que tem sido consideradas quasi como as unicas.

Já vimos que muitas vezes o pesadello devia ser attribuido antes a uma influencia do cerebro

sobre as visceras do que d'estas sobre aquelle. As influencias moraes são aqui de grande importancia.

As idéas, que nos preocuparam durante a vigilia, são tambem as que mais vezes constituem o fundo do sonho, o que apparentemente parece estar em contradicção com a theoria do cansaço que admitimos para o somno.

Se as cellulas estando submettidas a um trabalho mais duradouro estão por isso em condições de mais facilmente cahir no estado de inercia, tambem o estado de erethismo em que se encontram em virtude das impressões tão profundamente produzidas, faz com que o mais insignificante estimulo transforme a sua energia de latente que era em actual.

Tambem muitas vezes, em sonho revivece uma idéa «espontaneamente» sem o seu apparecimento poder ser explicado nem pelas causas apontadas, porque a sua «actualisação» é muito antiga e a sua impressão foi pouco intensa, nem tambem pela associação que a determinou.



Seja-me permittido referir aqui um sonho notavel a todos os respeitos e a que por mais d'uma vez me hei de referir e cuja veracidade é assegurada pela seriedade do auctor. É um sonho de Delboeuf. Este philosopho é apaixonado por animaes de todas as especies mesmo os mais repellentes como lagartos, sapos, rãs etc. e cultiva-os em casa

e tracta-os com todo o carinho, fazendo estudos sobre elles de cujo resultado nos promette um livro que deve ser cheio de curiosidades. No fim de setembro de 1862 antes de se deitar esteve lendo o livro de Brillat-Savarin no capitulo «Sonhos», fixando especialmente a sua attenção n'aquella parte em que este auctor diz que os dois sentidos — gosto e olfacto — rarissimas vezes nos impressionam no sonho, sonhando-se por exemplo com iguarias e flôres sem sentir o perfume d'estas e o sabor d'aquellas. Depois de ter adormecido, viu-se de repente no meio do atrio da casa cheio de neve, e dois lagartos meio cobertos por ella estavam entorpecidos perto do buraco obstruido. Porque tinham sahido da sua habitação? Decerto tinha havido sol e sahiram para o gozar, mas, sobrevindo de repente a neve, obstruiu-lhes o buraco e não puderam entrar. Aqueceu-os e, depois de desempedir a entrada do escondrijo, collocou-os lá, depois de ter espalhado fragmentos de «*asplenium ruta muralis*» que existia na parede. Os lagartos gostavam muito da planta e entraram por isso na sua habitação. Um amigo V... V... atirou-lhe da janella do quarto uma pedra e elle subiu pela parede, fechou-o n'um armario e depois de descer ficou muito espantado quando chegou ao atrio e viu os dois lagartos observarem outros dois que disputavam ás dentadas os restos dos «*asplenium*» que os primeiros tinham abandonado. Tractou saber d'onde vinham estes ultimos, e tendo seguido os vestigios impressos na neve foi encontrar um outro que se-

guia a mesma direcção e atraz d'este outro e assim successivamente... um verdadeiro exercito! Observou então uma floresta de «asplenium» que espalhava um cheiro suave especialmente quando o triturava entre os dedos. Reflectiu então que contrariamente á opinião de Brillat-Savarin podia sonhar cheiros.

O que ha de mais notavel n'este sonho é a invenção do «asplenium ruta muralis» pouco differente do termo technico que é «asplenium ruta muraria» de que nunca tinha ouvido fallar, não sendo mesmo botanico. A principio julgou-o um producto da sua imaginação creadora; mas, com grande espanto seu, viu que era com pequena differença o nome scientifico, ainda que a imagem, que se lhe apresentou, differisse alguma coisa da descripção dada pelos livros de botanica.

Passados 14 annos depois d'este sonho, estando em Bruxellas em casa d'um amigo, abriu por acaso um album-herbario onde viu a planta cujo nome tinha escripto por indicação d'um botanico dois annos antes do sonho.

A floresta de que tambem se não recordava, viu-a egualmente n'um dos volumes do «Tour de Monde ¹».

¹ Delboeuf — L. c.

Este facto tem analogos no estado de vigilia, como quando nos atravessa a mente uma idéa isolada, sem relação com aquellas em que pensamos.

E' possivel que o estado da circulação cerebral nos dê uma explicação mais ou menos nitida d'estes factos, mas por emquanto os factos d'observação não vem em nosso auxilio.

Os sonhos filiados n'esta origem e aquelles que estão dependentes das impressões internas e externas devem associar-se, devendo estas representar a causa occasional e aquella a predisponente.

No sonho como na vigilia nunca ha a criação de idéas, ainda que Cabanis pareça ser de opinião contraria: «temos ás vezes em sonhos idéas que nunca tinhamos tido ¹».

Muitas vezes julgamol-as novas quando não são mais do que reviviscentes ². Não tenho duvida nenhuma em acceitar estas idéas se elle se refere a uma associação mais prompta, mais feliz e mais harmonica com o fim a que se propõe. E' de todos conhecido como foi composta a celebre «sonnata do diabo ³».

¹ Cabanis — «Rapports du physique et du moral de l'homme».

² Vid. sonho de Delboeuf.

³ Tartini, o celebre compositor, tendo adormecido depois de ter tentado em vão terminar uma sonnata, viu em sonhos o diabo que lhe propunha acabal-a em troca da alma. Acceita a proposta e ouve tocal-a na rebecca. Acorda, levanta-se e escreve esse admiravel trecho de musica, ainda hoje conhecido pelo nome do seu «verdadeiro auctor».

E' triplice portanto a origem dos sonhos : ou nas impressões internas, ou nas externas ou na propria actividade cerebral, podendo estas e aquellas combinar-se como acontece em muitos casos.

As faculdades psychicas ficam no sonho essencialmente as mesmas, a não ser, como é natural, a «percepção». Podem em certos casos offerecer um gráo de elevação difficilmente attingido na vigilia, mas em geral conservam-se n'um gráo de inferioridade muito notavel.

A intelligencia póde em certas condições tomar uma actividade fóra do commum e muito superior á da vigilia. Benjamin Franklin julgava ser instruido da marcha dos negocios durante o somno e attribuia a esses avisos interiores o que era apenas devido á sua poderosa intelligencia que, livre dos estorvos que durante a vigilia lhe trazem as impressões de todos os momentos, solta livres vôos, elevando-se até á comprehensão dos mais altos problemas que é dado aos homens resolver.

Condillac, quando trabalhava no seu «Curso de estudos», tinha encontrado ao despertar resolvidos muitos problemas julgados insolúveis. E' especialmente na poesia e na musica que os sonhos têm a sua influencia mais decisiva. Pessoas, que durante a vigilia nunca puderam fazer um verso, têm durante o somno muito bellas inspirações ; mas as

mais das vezes essas inspirações têm uma existência tão ephemera como a dos sonhos. Voltaire fez os melhores versos da «Henriade» e uma das suas melhores quadras durante o somno¹. As mais bellas creações da arte e da litteratura devem a sua origem aos sonhos. E' ahi que a imaginação se entrega a arrojadissimas concepções, dando muitas vezes logar a productos monstruosos; mas tambem quantos não excedem nas suas respectivas proporções, no acabado do desenho e na naturalidade da imagem os mais bem acabados typos da vigilia? Na associação que se faz no sonho nota-se effectivamente um contraste notavel: e é que umas vezes os phenomenos são relacionados por uma ligação tão intima, que difficilmente será excedida na vigilia; ao passo que outras formam um todo tão extravagante, que nós ficamos admirados de ter concebido tal producto. Tanto n'uns como n'outros casos os habitos gosam d'uma grande influencia e devemos ter em vista que aqui como na vigilia se faz associação de idéas, de palavras, de sons, de movimentos, de sensações, etc.

Demais na vigilia dão-se egualmente factos analogos. Quantas vezes as distrações e a avançada idade não fazem dizer uma coisa por outra? Quan-

¹ «Mon cher Tournon, que tu m'enchantes
Par la douceur de tes accents !
Que tes vers sont doux et coulants :
Tu les faits comme tu les chantes.»

tas vezes não temos idéas de significação tão diferente sem perceber os laços que as ligam? Isto dando-se no sonho é uma causa de incoherencia porque depois de acordados tentamos relacionar o que não pôde ser unido. E' possível que outra causa da incoherencia possa ser referida ao prolongamento d'uma imagem em quanto outras vão variando, tentando achar-se ligação entre umas e outras.

Conta-se d'uma criada, que, indo ao theatro, viu representar um drama e uma comedia, e tendo reconhecido n'esta actores que entravam n'aquelle, concluiu da unidade de logar para a unidade de acção o que lhe deu em resultado uma incoherencia e confusão que lhe causou serios incommodos.

Na vigilia as impressões internas e externas, modificando-se a cada momento, imprimem uma nova feição ás idéas; no somno, como falta a percepção, esta modificação, embora não seja tam consideravel, sempre é sufficiente para que o sonho tenha uma nova forma ¹.

Todas as causas que acabamos de apontar têm uma influencia manifesta na incoherencia dos sonhos; mas ha uma que a meu vêr ainda as excede em importancia e é como já o tenho referido, o repouso d'umas cellulas nervosas, em quanto outras cuja affinidade d'acção com essas era manifesta, es-

¹ Tylor conta que Laura Bridgeman, surda, muda e cega, descrevia durante o somno com os dedos as iniciaes do alphabeto que lhe haviam ensinado.

tão em actividade. E' assim que a corrente da actividade nervosa que, fóra do estado de inanição, se prolongaria no circuito fazendo vibrar todas as células semilhantermente orientadas, no somno seguirá a direcção d'aquellas que ainda não estão sufficientemente cansadas para que respondam ao estímulo.

A fixação dos productos da actividade cerebral durante o somno é um facto incontestavel. Ninguém o nega, mas o seu poder é mais ou menos discutido. Uns querem que todo o somno seja occupado por sonhos e outros são de opinião que no somno profundo não ha sonhos.

Esta divergencia de opiniões não póde infelizmente ser resolvida pelos factos. Quasi todos os auctores que se têm occupado d'este assumpto, seguem a primeira opinião. Effectivamente o esquecimento total não tem grande valor. Muitas vezes, ao despertar, não nos recordamos do sonho e qualquer circumstancia eventual vem fazer-nos reviver essa idéa. Para que haja a sua reproducção na vigilia é preciso que o estado affectivo que o produziu subsista ou se renove pelo menos em parte. Como isto se não dá em geral, muitos sonhos ficarão no esquecimento sem nunca os reproduzirmos.

Estes factos, que são o principal argumento em favor da ininterrupta manifestação da actividade cerebral, não têm um valor tão absoluto e mostram apenas que os sonhos se produzem mais vezes do que as que a recordação nos affirma; mas nunca que a actividade especial das células nervosas não tem momentos em que deixa de se manifestar.

A não-actividade do espirito não implica, como quer Descartes, a sua aniquilação. Porque um órgão não manifesta a sua actividade funcional n'um dado momento, não se pode concluir que essa actividade esteja aniquilada, mas unicamente que não existe n'esse momento.

Fica demonstrada assim a fixação em cuja conservação influe especialmente a facilidade da orientação das actividades cellulares respectivas em virtude d'um menor estado de cansaço. É por isso que nós nos recordamos mais facilmente dos sonhos que tem logar proximo ao despertar.

A reviviscencia, como a fixação, tem logar durante o somno; mas como ella, é em geral inferior á da vigilia, excedendo-a todavia algumas vezes ¹.

A vontade fica essencialmente a mesma durante o somno; mas soffre certas modificações que só em casos pathologicos especiaes se podem dar. As incitações motrizes tambem são produzidas durante o somno; mas o seu resultado final é variavel. Umas vezes ha a reacção correspondente á incitação; outras vezes a manifestação exterior não tem logar apesar de se dar a incitação.

N'este ultimo caso o individuo ou quer conseguir alguma coisa e practica «idealmente» os actos correspondentes ou conhece a impossibilidade em que está de alcançar o resultado desejado.

Os individuos em sonhos encontram-se muitas

¹ Vid. sonho de Delboeuf a pag. 63, 64 e 65.

vezes n'um estado analogo áquelle em que estão os affectados por certas doenças como a «paralysia geral dos alienados» em que, apesar de haver a paralysia de todos os musculos da vida de relação, julgam-se aptos para praticar actos que exigem um esforço consideravel e sem ter a consciencia de que não estão em estado de os poder realisar.

N'outras circumstancias ha o conhecimento da impossibilidade em que se está de executar o acto, embora haja o desejo de o realisar.

É especialmente depois d'um pesadello que nós, desejando executar certos movimentos para fugir á imagem que nos persegue, não conseguimos expulsar o torpor de que estamos possuidos. Os centros superiores estão evidentemente despertados; mas as suas ordens não são cumpridas; porque o bolbo e a medulla não entram em actividade.

É tambem muito usual no somno que o individuo profira certas palavras mas de que ao despertar se não recorda, nem mesmo de ter fallado. O somnambulo tambem se não recorda dos actos praticados.

Na vigilia é sentido tão bem o movimento produzido nos orgãos da phonação como é ouvido o som; e nem uma nem outra coisa se dá no somno.

A «noção de tempo» é como se sabe pervertida durante o somno. É assim que assistimos sempre como testemunhas occulares ao desdobramento dos phenomenos e que julgamos sempre entrar nas scenas representadas.

A «noção de tempo» é-nos fornecida pela serie

de estados da consciencia e é a memoria que nos diz serem produzidos n'esse tempo ¹. As impressões que vem actuar sobre os sentidos, produzem-se successivamente e é esta serie que nos mostra que se passou um certo tempo para a sua producção. É por isto que certos individuos presos em logares escuros, sahem de lá sem terem a menor noção do tempo que lá passaram. É ainda esta a razão por que a creança considera um certo intervallo de tempo maior do que o mesmo considerado por um adulto; porque aquella tem a cada passo novas impressões que collige e que a este passam desapercibidas.

Os sentidos na vigilia mostram-nos que umas são actuaes e outras reviviscentes; mas no somno, como não as ha actuaes, as que apparecem são consideradas como taes; porque não ha termo de comparação ². Dugald Stewart entende que a rapidez do pensamento contribue poderosamente para apagar em nós a noção de tempo ³.

As analogias, que se dão entre as manifestações psychicas da vigilia ou no estado normal ou no estado pathologico e as do somno, são ainda mais profundamente confirmadas por um phenomeno curioso que Maury designa sob a denominação de — «desdobramento da personalidade».

¹ H. Spencer—O. C.

² Nas experiencias de Maury ha a impressão actual que é transmittida; mas não ha a percepção.

³ Maury—O. C. a pag. 140 e 141 onde se mostra a rapidez com que os sonhos se produzem.

Este auctor, tendo visto a palavra «Mussidan», não pôde recordar-se da sua posição geographica, e passados dias, durante o somno, appareceu-lhe um individuo que lhe disse ser natural da villa apontada; e perguntando-lhe o auctor citado onde era situada, respondeu-lhe que na Dordogne; e com grande espanto seu verificou ao despertar que o seu interlocutor tinha fallado verdade. Em certos casos de alienação mental ha factos identicos em que o alienado assaltado por idéas oppostas e contradictorias attribue-as a personagens extranhos.

II

CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS E SUA IMPORTANCIA EM SEMIOTICA

Variados no seu modo de manifestação, encaixando-se em fôrmas estranhas e diversas, formando verdadeiras lanternas magicas, os sonhos apresentam-se igualmente variados nas suas causas.

E' extremamente difficil apresentar uma classificação que abranja n'um quadro synoptico todas as manifestações onirogeneticas consideradas etiológicamente.

Este trabalho está por fazer, e acha-se apenas esboçado em Moreau de la Sarthe ¹. A classificação d'este auctor comprehende duas classes: a primeira abrange os sonhos «naturaes» e a segunda os sonhos «morbidos».

¹ Dictionnaire des sciences medicales — Art. «rêves.»

Os sonhos naturaes formam dois grupos: um em que a causa do sonho é uma «irritação mental», comprehendendo os sonhos dos artistas, dos homens de lettras e de estado e os que dependem de paixões e affecções dominantes; outro em que o que determina o sonho é uma «irritação corporal», ficando aqui incluídos os sonhos devidos a uma posição mais ou menos incommoda e ao exercicio immoderado durante a vigília etc.

A segunda classe ou dos «sonhos morbidos» é dividida em dois grupos: os sonhos nas nevroses e o somnambulismo.

Esta classificação é muito defeituosa, porque não comprehende os sonhos em toda a sua latitude etiologica e porque faz entrar nos sonhos morbidos muitos que não devem aqui ser incluídos. Para attenuar até certo ponto estes defeitos farei algumas modificações n'esta classificação, conservando comtudo a sua base fundamental. A divisão dos sonhos nas duas classes «naturaes e morbidos» conservo-a-hei, não porque seja uma divisão natural; todavia póde ser justificada pela mesma razão que estudamos distinctamente physiologia e pathologia.

Os dois grupos — por irritação mental e irritação corporal — ficarão essencialmente assim; mas as suas divisões respectivas serão bastante modificadas.

O primeiro grupo formará dois sub-grupos: no
a) serão comprehendidos os sonhos em que o cerebro entra em actividade «espontaneamente» e no
b) aquelles em que a sua actividade é despertada

por substancias previamente introduzidas na circulação. O sub-grupo a) comprehenderá os sonhos cuja base é constituida pelas impressões da vigilia e as affecções moraes.

São comprehendidos n'estas aquelles cuja causa são as affecções e paixões dominantes. E' um facto d'observação quotidiana que as nossas occupações habituaes, as tendencias naturaes do nosso espirito, os instinctos, sentimentos e emoções da vigilia têm grandes probabilidades de se reflectirem nos sonhos. Se na grande maioria dos casos não constituem os caracteres especiaes do quadro, formam-lhe pelo menos o fundo, dirigindo-o, gosando antes o papel de causas predisponentes do que determinantes. E' assim que um individuo, que se deitou com o espirito socegado e tranquillo e mesmo alegre e satisfeito, terá grandes probabilidades de ter um sonho intermeado das imagens e idéas mais proprias a causar-lhe um vivo prazer.

O trabalho mental da vigilia characterisa em geral os sonhos. E' assim que o artista formará em sonho as suas producções musicaes ou os seus quadros, o poeta os seus versos, o mathematico os seus problemas, o estadista as grandes questões politicas etc. O homem do campo cujo trabalho mental é muito limitado, terá egualmente sonhos pouco numerosos em relação com o seu desenvolvimento intellectual e as suas naturaes occupações.

Além d'estes sonhos ha outros produzidos por certas substancias, cujo modo de actuar é ainda desconhecido; mas que deve ser, ou estimulando

as cellulas nervosas, ou modificando a circulação cerebral. São o opio, a belladona, o haschisch, o acônito . . . , o uso excessivo de bebidas alcoolicas e aromaticas.

O segundo grupo que comprehende a «irritação peripherica» é uma conclusão natural do que dissemos a proposito do mecanismo da producção dos sonhos. Será por isso dividido em dois sub-grupos : a um pertencerão os sonhos produzidos pelas impressões que possam ser transmittidas pelos órgãos dos sentidos ; ao outro os que têm por origem uma perturbação na sensibilidade inconsciente dos órgãos internos. Fica portanto mais completo que o grupo de Moreau.

A segunda classe, que comprehende os sonhos «morbidos», será mais limitada mas mais definida que a identica do auctor precitado. Formarei d'esta dois grupos, abrangendo um as doenças geraes que podem dar logar a sonhos, sendo umas febris e outras não febris, e outro as doenças locaes que podem ou ter a sua séde no cerebro ou estar localisadas nas visceras abdominaes e thoracicas.

O somnambulismo, que o auctor, a que me tenho referido, colloca n'esta classe, não será incluído por mim em nenhuma d'ellas, porque não faz parte d'este trabalho. Eis o quadro com as suas divisões respectivas :

QUADRO SYNOPTICO DOS SONHOS SEGUNDO
A SUA ETIOLOGIA

1.^a classe — *sonhos naturaes*

- | | | |
|---------------------------------|---|---|
| A) Por actividade cerebral..... | { a) Por automatismo cerebral.....
{ b) Por substancias estranhas introduzidas na massa do sangue. | { α) Trabalho mental
{ β) Affecções moraes |
| B) Por irritações periphericas. | | |
- { a) Epi-periphericas.
 { b) Ento-periphericas.

2.^a classe — *sonhos morbidos*

- | | |
|-------------------|----------------------------------|
| A) Doenças geraes | { a) Febris.
{ b) Apyreticas. |
| B) Doenças locaes | |
- { a) Affecções cerebraes.
 { b) Lesões visceraes.

A significação dos sonhos tem sido e ainda hoje é diversamente interpretada segundo o gráo de cultura intellectual que acompanha os differentes povos.

Para os selvagens da Groënlandia e das Philipinas é a alma que durante o somno se entrega a aventuras mais ou menos extravagantes, abandonando o corpo; o que póde ser origem de muitas doenças, sendo indispensavel para que isso não aconteça que o individuo não seja bruscamente despertado, para que ella tenha tempo de se reunir ao corpo.

O nosso povo ainda hoje considera o livro de S. Cypriano como digno de todo o credito.

A historia de todos os tempos mostra-nos que estas manifestações têm sido sempre muito exploradas á custa da credulidade popular.

Em todos os paizes havia homens cuja especialidade era dar uma interpretação dos differentes sonhos.

A historia sagrada mostra-nos Joseph a decifrar o sonho de Pharaó e Daniel os de Nabuchodonosor e Balthazar.

Explorou-se muito e era natural que viesse uma reacção em sentido inverso. Hoje a maioria dos auctores, que se entrega a assumptos d'esta natureza, considera-os sob um ponto de vista muito differente.

Os sonhos «propheticos» foram postos de parte; e, se com certas restricções podem ser admitidos, não é com a latitude que lhes quer dar Debay ¹. Não formam uma classe distincta; e, se muitas vezes constituem verdadeiras intuições, é porque a intelligencia durante o somno attingiu um gráo de elevação a que na vigilia não tinha chegado.

Hoje os sonhos em lugar de ser referidos ás pythonissas para os decifrarem, devem antes ser aproveitados pelos psychologistas e clinicos para os quaes constituem importantes subsidios; para os primeiros no estudo das diversas actividades men-

¹ «Les mystères du sommeil e du magnétisme».

taes e para os segundos porque são preciosas manifestações precoces de certas affecções.

É um facto de observação vulgar que as diferentes doenças trazem consigo sonhos que estão mais ou menos relacionados com os órgãos affectados.

Este principio foi estabelecido, ainda que muito imperfeitamente, pelos medicos orientaes muito antes de nós. Desde seculos já, que os medicos indianos e chinezes tiram dos sonhos elementos importantes para o diagnostico das differentes doenças.

Os sonhos são divididos em cinco classes correspondentes ás cinco grandes visceras: coração, pulmões, rins, baço e figado. O estado normal d'estes órgãos não produz sonhos. No estado pathologico são em resumo os seguintes:

1.º Sonhar phantasmas, monstros, figuras medonhas: signal de má funcção do coração—repleção. Sonhar fogo, chammas, fumo, luz, incendio: má funcção do coração—inanição.

2.º Sonhar combates, armas, guerras, soldados: má funcção dos pulmões—repleção. Sonhar planicies, mar, campos, caminhos e viagens difficeis: má funcção dos pulmões—inanição.

3.º Sonhar fadigas insuperaveis, mal nos rins: má funcção dos rins—repleção dos canaes. Nadar com difficuldade, em via de se afogar: má funcção dos rins—inanição.

4.º Sonhar cantos, festas, muzica, prazer: má funcção de baço—repleção dos canaes que d'ahi

partem. Sonhar perigos, batalhas, disputas : má função do baço—inanição.

5.º Sonhar florestas impenetraveis, montanhas abruptas, arvoredos : má função do figado—repleção. Sonhar relvas, prados, moutas, campos : má função do figado—inanição.

Os medicos do occidente ainda não attingiram este gráo de aperfeiçoamento. Este assumpto tem sido muito descurado; mas apesar d'isto já ha alguns factos que nos permitem fundar algumas esperanças no valor dos sonhos em semiologia.

O celebre poeta Gessner, tendo-se deitado de perfeita saude, sonha que é atravessado por uma espada e reconhece mais tarde a existencia d'um anthraz de que morreu no fim de cinco dias.

Arnauld de Villeneuve sonha que foi mordido por uma serpente e não tarda a ser affectado por uma ulcera cancerosa.

As menores indisposições e as mais graves doenças podem dar logar aos sonhos. Bem sei que o seu valor semiologico é muito incerto e que nós temos em geral outros symptomas que melhor nos podem guiar; mas não devemos desprezar nenhum e é especialmente quando ainda os não temos observaveis na vigilia que o seu valor se torna apreciavel, por ser unico.

As affecções organicas do coração e as doenças nervosas são muitas vezes notaveis pelos seus sonhos, produzidos muito antes da explosão d'essas doenças.

No somno em que as relações com o exterior

estão quasi completamente interrompidas, não admira que as impressões internas anormaes impressionem mais facilmente os centros nervosos, concentrando-se ali toda a actividade cerebral e não sendo sollicitada em sentido differente pelas impressões externas que a todo o momento na vigília a intretêm.

FIM.

ERRATA.—A nota da pag. 69 pertence á 68 onde diz... de palavras, de sons, de movimentos, de sensações, etc.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. — A anatomia da camada cortical do cerebro não nos diz nada acerca das localisações cerebraes.

Physiologia. — O sonho é a hallucinação do somno.

Materia medica. — A theoria de Rabuteau da acção do mercurio na syphilis é anti-physiologica.

Pathologia externa. — A cephalalgia syphilitica tem caracteres que a distinguem da não syphilitica.

Medicina operatoria. — No tractamento dos aneurismas a laqueação é o methodo mais certo, mais geral e mais rapido.

Partos — Depois da ruptura das membranas a versão torna-se tanto mais grave quanto mais se prolonga a expectação.

Pathologia interna. — A phtysica é uma manifestação da tuberculose assim como esta o é d'aquella.

Anatomia pathologica. — A estrutura dos ossos dá-nos a razão da frequencia das necroses consecutivas á inflammacão.

Medicina legal — O determinismo, longe de excluir, justifica a penalidade.

Pathologia geral. — Os sonhos constituem muitas vezes o unico symptoma apparente de certas doencas.

Approvada.

Miguel Arthur.

Póde imprimir-se

O CONSELHEIRO DIRECTOR

Costa Leite.